

um mapa-múndi feito por De Fer: "Description de la terre universelle".

Não comparei exemplares das duas edições, nem mesmo tive oportunidade de vê-los ao mesmo tempo. Observei, porém, que os da segunda edição são datados de 1663, apesar de ter o acordo entre o autor e Cramoisy sido assinado somente em 28 de janeiro de 1664.

Ambas as edições são, sem qualquer dúvida, raríssimas. A respeito da viagem de Gonneville, ver ainda, além da obra de d'Avezac, Margry, *Navigations françaises...*, e Gaffarel, *Hist. du Brésil...*

Henry Le Court escreveu um estudo sobre os descendentes do índio brasileiro que Gonneville levou para a França: *Etudes d'histoire normande: Trois chanoines de Lisieux issu d'un roi Indien*, Lisieux, 1900 (19 pp.). Este folheto não foi posto à venda e dele foram impressos apenas cinquenta exemplares.

Gonzaga, Francisco. *De origine Seraphicæ Religionis Franciscanæ eiusq̄ progressibus, de Regularis Obseruâciæ institutione, forma administrationis ac legibus, admirabilisq̄ eius propagatione. F. Francisci Gonzagæ eiusdem Religionis Ministr Gñalis. Ad S. D. N., Sixtum v. opus in quatuor partes diuisum. Earum quid unaquæque contineat. Sequens pagina indicabit. Romæ. Cũlicētia Superiorũ. 1587 – [Colofão:] Ex Typographia Dominici Basæ, M.D.LXXXVII.*

33 × 23; 1 363 pp., 13 fls. s. num. (9 delas com o ind.), 34 ils. (retratos de santos, bispos etc.).

Esta obra, se não for a primeira, é certamente uma das primeiras histórias da Igreja na América. A parte referente ao Brasil, nas pp. 1359–1361, descreve uma época em que os franciscanos tinham pouco poder comparado com o dos jesuítas.

Brunet, ou, mais precisamente, Deschamps *Supl.* 1/556 fez a seguinte observação sobre esta obra rara: "descrevemos este volume, que é de pequeno valor, por causa da quantidade e do tamanho das gravuras ornamentais de cobre, de página inteira; gravuras de feitura medíocre, mas cujas molduras, no mais puro estilo renascentista, são extremamente interessantes". Leclerc 263 é menos severo: "esta história geral dos franciscanos é muito importante e rara. É uma das publicações mais belamente ilustradas do século XVI". Uma segunda edição foi publicada em Veneza, em 1604.

Gonzaga, Francisco. *Indianischer Religionstandt der gantzen newen Welt beider Indien gegen Auff vnd Nidergang der Sonnen: Schleinigister Form auss gründtlichen Historien sonderbar dess Hochwirdigen Vatters Francisci Gonzagen Barfüsserische Ordenscroniken vnd Didaci Vallades, geistlicher Rhetoric zusammen gezogen vnd aussm Latein in hochdeutsch verwendet: Durch F. Valentinum Fricium Barfüsser Ordens F. D. Matthiassen Ertz Hertzogen in Oesterrich &c. Beichtvatter vnnd ermelten Ordens inn Teutschland Poln Vngern und Beheym General Commissarien. Gedruckt zu Ingosltadt durch Wolfgang Eder. M.D.LXXXVIII [1588].*

14 × 85; 16 fls. s. num., 199 pp., 1 fl. s. num.

J. C. BROWN 1/313.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marilia de Dirceo. Por T. A. G. Lisboa: Na Typografia Nunesiana. Anno M.DCC.XCII [1792]. Com Licença da Real Meza da Comissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

17 × 11; 118 pp.



A p. 20 é numerada erroneamente como 02. Existem exemplares nos quais o erro foi corrigido, como explicaremos adiante. As pp. [1]–[4] contêm a p. de anterosto e a p. de rosto, ambas com o verso em branco. A numeração das páginas começa na p. 6. O volume contém xxxiii liras.

Segundo Gaudie Ley, somente em 1879 é que se tomou conhecimento da existência desta primeira edição, por intermédio de artigo de Vale Cabral, publicado na *Revista Brasileira* (vol. 1). Varnhagen erroneamente a considerava segunda edição.

É voz corrente que existem duas edições datadas de 1792, a primeira com o erro de numeração da p. 20, e a segunda, impressa em papel mais encorpado, com o erro corrigido. Os bibliógrafos que acreditam na existência de duas edições com essa data apoiam-se nos seguintes anúncios publicados na *Gazeta de Lisboa*. O primeiro saiu em 10 de novembro de 1792 com os dizeres: “Sahio á luz: Marília de Dirceo, primeira parte das Poesias lyricas de T. A. G. Vende-se por 240 reis na loja da Gazeta, e na do Livreiro da Academia”. O segundo apareceu somente em 29 de junho de 1793, com a seguinte redação: “Sahirão á luz: As Lyras do Doutor Thomas Antonio Gonzaga, cuja obra tem merecido geral applauso. Vendem-se a 240 reis em Lisboa na loja da Gazeta, e na da Academia; e no Porto na d’Antonio Alvares Ribeiro”.

Precisa-se, porém, comparar exemplares de uma versão com os da outra. O erro na p. 20, o papel mais encorpado e os textos dos anúncios na *Gazeta de Lisboa* não bastam. Um exame revela, em primeiro lugar, que o papel mais encorpado não é de modo algum uma característica dos exemplares em que foi corrigido o erro da p. 20. Vi exemplares impressos neste papel espesso com e sem o erro. A impressão de exemplares da mesma edição em papéis de diversas qualidades não era um caso raro na época. Essa irregularidade devia-se ao fato de uma mesma resma de papel conter, às vezes, folhas mais encorpadas do que outras. A técnica de fabricação de papel a mão explica essa disparidade. A descoberta de exemplares de um mesmo texto impressos em papel grosso e papel fino não quer dizer que pertençam a edições diferentes.

Em segundo lugar, um exame cuidadoso, feito com lente de aumento, revela que não existe a menor diferença na composição do texto dos dois tipos de exemplares. As letras gastas que produzem pe-

quenos defeitos na impressão aparecem exatamente nas mesmas palavras no mesmo lugar da página. A sombra das linhas impressas aparece no verso das páginas nos mesmos lugares em ambos os tipos de exemplar.

Dizem as regras que se trata de uma edição diferente quando é feita uma reimpressão e o texto foi recomposto, e que, se o texto for impresso várias vezes com a mesma composição, não se trata de edição, mas de nova tiragem.

Quando se aplicam as regras ao caso da edição de *Marília* de 1792, pode-se afirmar que não são duas edições com a mesma data, mas apenas uma com duas tiragens.

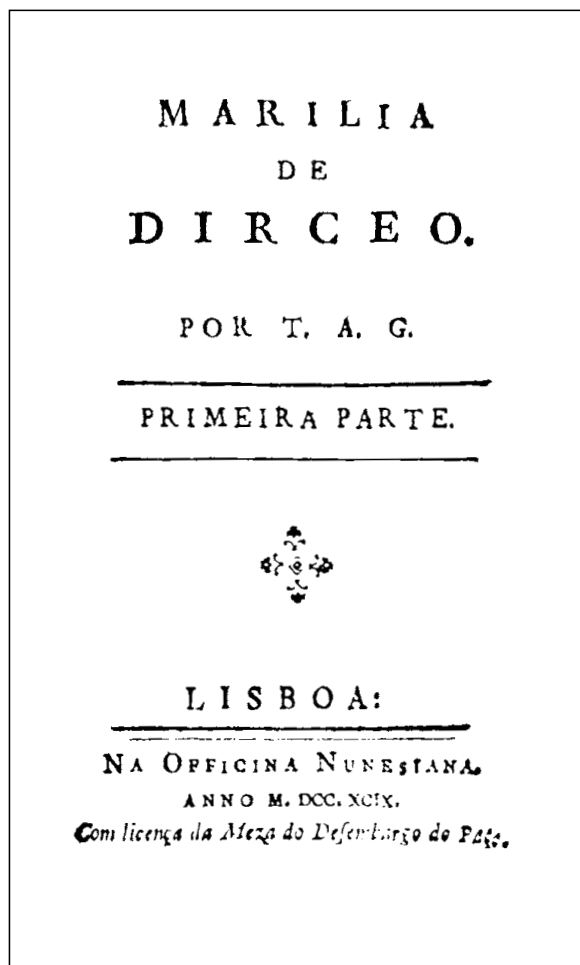
O texto foi composto com um erro de numeração na p. 20. Descobriu-se o engano após a impressão e, como se precisava imprimir mais exemplares, corrigiu-se a numeração errada da p. 20. Fatos como esse eram comuns, tão comuns que, quando se percebia o erro durante a impressão, parava-se o prelo, fazia-se a correção e dava-se continuidade ao trabalho. Para distinguir esses exemplares corrigidos durante a impressão, usa-se o termo variante, sendo que tanto a primeira quanto a segunda variante pertencem à mesma impressão e tiragem.

O que aconteceu no caso da *Marília* de 1792? Houve tiragens diferentes ou variantes diferentes? Não há dúvida de que houve tiragens diferentes e a prova é dada pelos dois anúncios publicados na *Gazeta de Lisboa*, o primeiro de novembro de 1792 e o segundo de junho de 1793. Se fossem edições diferentes, isto é, se o impressor tivesse feito nova composição do texto, teria mudado a data da página de rosto para o ano corrente de 1793, e não corrigido apenas o erro de numeração da p. 20.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marília de Dirceo.* Por T. A. G. *Primeira Parte.* Lisboa: Na Officina Nunesiana. Anno M.DCC.XCIX [1799]. Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

15 × 10; 118 pp. Na p. de anterosto “Marília de Dirceo” e ao pé da p. “Vende-se na Loja da Gazetta [sic]”. Uma fl. em branco no final.

Marília de Dirceo. Por T. A. G. *Segunda Parte.* Lisboa: Na Officina Nunesiana. Anno M.DCC.XCIX. [1799.] Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.



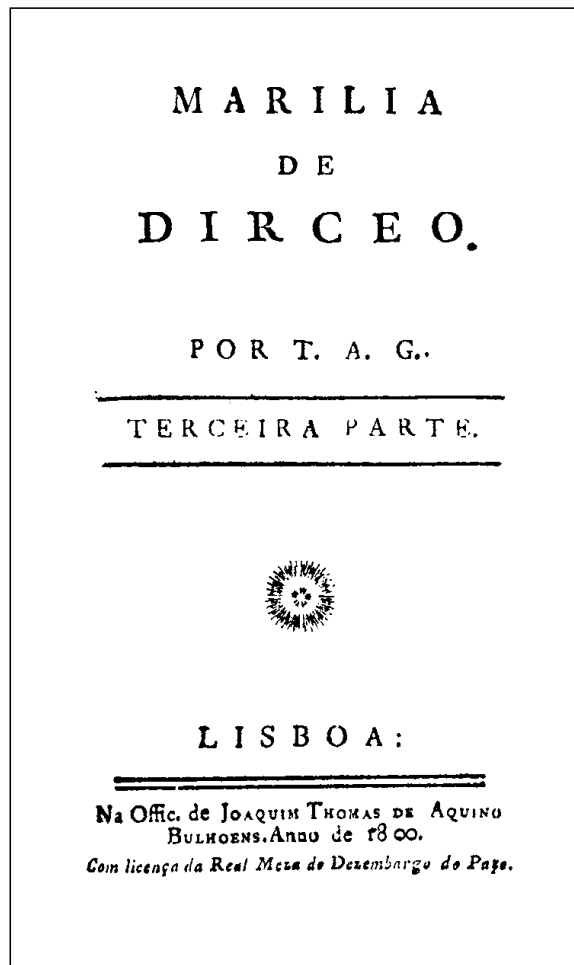
15 × 10; 108 pp. Ao pé da última página. “Vende-se na Loja da Gazetta [sic]”.

GAUDIE LEY 2.

A primeira parte contém as mesmas trinta e três liras da primeira edição, e a segunda parte trinta e duas, publicadas aqui pela primeira vez em primeira edição. Os dois volumes eram vendidos juntos, como prova o anúncio publicado na *Gazeta de Lisboa* (supl. ao n. de 22 de novembro de 1799): “Sahio à luz: Marília de Dirceo, obra Poetica, que tem merecido huma geral acceitação, 2 vol. in 8º, seu preço 480 réis. Acha-se na loja da Gazeta”.

Somente em 1923 é que se soube da existência incontestável de duas partes nesta edição de 1799 graças a um artigo de Alberto de Oliveira na *Revista da Língua Portuguesa* (n. 26, pp. 81–85).

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marília de Dirceo. Por T. A. G. Terceira Parte. Lisboa: Na Offic. de Joaquim Thomas de Aquino Bulhoens. Anno de*



1800. *Com licença da Real Meza do Desembargo do Paço.*

15 × 10; vii pp. com p. de anterrostto, p. de rosto, “Prologo” e [viii] em branco; 110 pp.

GAUDIE LEY 3.

Quase sempre o texto das liras ocupa apenas dois terços da página. Contém diversos erros de impressão: a lira VI traz o número IV, no topo da p. 80 aparece Marieia em vez de Marília. O volume contém quinze liras e dois sonetos: “He mais puro que o mel teu terno incanto” e “Recebe os cultos deste peito amante”.

A autenticidade desta “Terceira Parte” é duvidosa, não se sabe quem a escreveu para aproveitar o sucesso de Gonzaga.

No “Prologo”, sem o nome do autor, mas escrito provavelmente pelo “editor literário” e não pelo impressor Bulhões, como sugere Gaudie Ley, afirma-se o seguinte: “A prompta extracção de quasi dous

mil exemplares da Primeira, e Segunda Parte destas Lyras em menos de seis mezes, he um irrefragavel argumento, do que acabamos de dizer; apenas appareceu a Primeira Parte, de tal sorte foi recebida, dos que amão os encantos da Poesia, que nos vimos precisados a reimprimi-la, para satisfazermos a quem no-la buscava; motivos esses, que cooperarão para a publicação desta terceira Parte...”

Muitos estudiosos viram nesse parágrafo a indicação da existência de uma edição de Bulhões da Primeira e da Segunda Partes.

Gaudie Ley rebate essa ideia. Domingos Carvalho da Silva (Supl. Lit. de *O Estado de São Paulo*, de 30 de maio de 1964), interpretando as afirmativas do Prólogo como referentes às edições anteriores de *Marília*, confirmou a perfeita concordância dessas afirmativas. O editor literário, autor do Prólogo, não quis referir-se às edições das duas primeiras partes por Bulhões, mas a todas publicadas até aquela data. Essa interpretação nova e sagaz esclarece o debate sobre a existência de edições da Primeira e da Segunda Partes feitas por Bulhões; não existem.

Esta edição da falsa Terceira Parte, impressa por Bulhões, é raríssima, porém não tão rara quanto sugere J. C. Rodrigues, que diz ter visto um único exemplar. Hoje em dia, o número de colecionadores de *Marília* é muito maior do que no início do século. Hoje a maior procura das edições raras fez subir seu preço. Essa valorização tenta os eventuais possuidores a venderem e, por isso, têm aparecido no mercado exemplares da edição Bulhões. É livro muito raro, mas não impossível para alguém desajoso de pagar o preço que vale.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marília de Dirceo. Por T. A. G. Primeira Parte. Terceira Edição. Lisboa: Na Officina Nunesiana. Anno M.DCCCII [1802]. Com licença da Meza do Desembargo do Paço.*

15 × 10; 110 pp., 1 fl. em branco.

Marília de Dirceo. Por T. A. G. Segunda Parte. Segunda Edição mais acrescentada. Lisboa: Na Officina Nunesiana. Anno M.DCCCII [1802]. Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

15 × 10; 108 pp.

GAUDIE LEY 4.

A Primeira Parte contém as mesmas 33 liras da primeira edição de 1792. A Segunda Parte traz 37 liras, cinco a mais que as 32 já impressas na primeira edição dessa parte (1799).

Cabe notar que na página de rosto da Primeira Parte aparece Terceira Edição e na da Segunda Parte, Segunda Edição. Se existissem Primeira e Segunda Partes impressas por Bulhões em 1800, como pensaram alguns autores, essas edições não teriam passado despercebidas em Lisboa e a Oficina Nunesiana não poderia ter deixado de levar em conta o fato.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marília de Dirceo Por T. A. G. Primeira Parte. Lisboa: Na Off. de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor dos Conselhos de Guerra e do Almirantado. Anno M.DCCC.III [1803]. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.*

15 × 10; 118 pp.

Esta edição de 1803 contém apenas a Primeira Parte com trinta e três liras. Não consta que as outras partes tenham sido impressas neste ano.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marília de Dirceo. Por T. A. G. Segunda Parte. Lisboa, Na Typografia Lacerdina. 1804. Com licença da Meza do Desembargo do Paço.*

15 × 10; 108 pp. Na última p. “Vende-se na Loja da Gazeta”.

GAUDIE LEY 5: “Não se sabe até hoje se a Primeira Parte foi publicada”.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marília de Dirceo. Por T. A. G. Primeira Parte. Nova edição. Rio de Janeiro. Na Imprensa Regia. Com Licença de S. A. R. 1810.*

15 × 10; 118 pp.

Marília de Dirceo. Por T. A. G. Segunda Parte. Nova edição. Rio de Janeiro. Na Imprensa Regia. Com licença de S. A. R. 1810.

15 × 10; 108 pp.

Marília de Dirceo. Por T. A. G. Terceira Parte. Nova edição. Rio de Janeiro. Na Imprensa Regia. Com licença de S. A. R. 1810.

15 × 10; 110 pp. Na última p.: “Vende-se na Loja de Paulo Martin por 2 400”.

GAUDIE LEY 6. CABRAL 144.

Os três volumes eram vendidos juntos, encadernados por 3 200 réis, em brochura por 2 400, conforme anúncio da *Gazeta do Rio de Janeiro* de 1º de dezembro de 1810. A edição saiu em junho do mesmo ano, pois o número de 20 de junho do mesmo jornal anuncia: “Sahirão á luz: Marília de Dirceo por T. A. Gonzaga, 3 vols. elegantemente impressos por 2.400 réis ... Vendem-se nas lojas de Manoel Pereira de Mesquita e na da Gazeta”.

A obra é de fato “elegantemente impressa”, mas contém inúmeras incorreções na numeração das líras e outros erros como “Dirbeo” na página 85 da Segunda Parte e página 109 da Terceira. “Finalmente, erro muito mais grave, os versos que deviam ser impressos na página 48, da 1ª parte, foram substituídos por uma repetição da página 46, faltando assim quatro estrophes: as duas últimas da lyra XII e as duas primeiras da lyra XIII”, como observou Gaudie Ley.

O texto da Primeira Parte é o mesmo da edição de 1792; o da Segunda é o texto da edição de 1799 e o da Terceira é o da edição de Bulhões, com o “Prólogo” e os dois sonetos.

Tenho para mim que esta edição, a primeira que se imprimiu no Brasil e a primeira com as três partes, foi editada por Paul Martin, o livreiro francês da rua da Quitanda, o primeiro editor a se estabelecer no Rio de Janeiro, se não me engano.

Esta edição é raríssima. Acredito que seja mais difícil encontrá-la do que a própria primeira edição de 1792. Sei da existência de apenas quatro exemplares: um na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (presentado por Vale Cabral em 1879), um no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, um na Universidade da Bahia (Coleção Edelweiss) e o exemplar da coleção José Mindlin, em São Paulo. Nenhum desses exemplares está absolutamente completo, e tampouco em bom estado.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marília de Dirceo. Por T. A. G. Parte I. Nova edição. Lisboa: Na Typografia Lacerdina. 1811. Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.*

13 × 7; 226 pp. Na p. [123] lê-se: Marília de Dirceo. – Parte II”. A última líra termina na p. 221. Na

p. 222 vem um soneto. Da p. 223 até o fim o índice das líras e a errata.

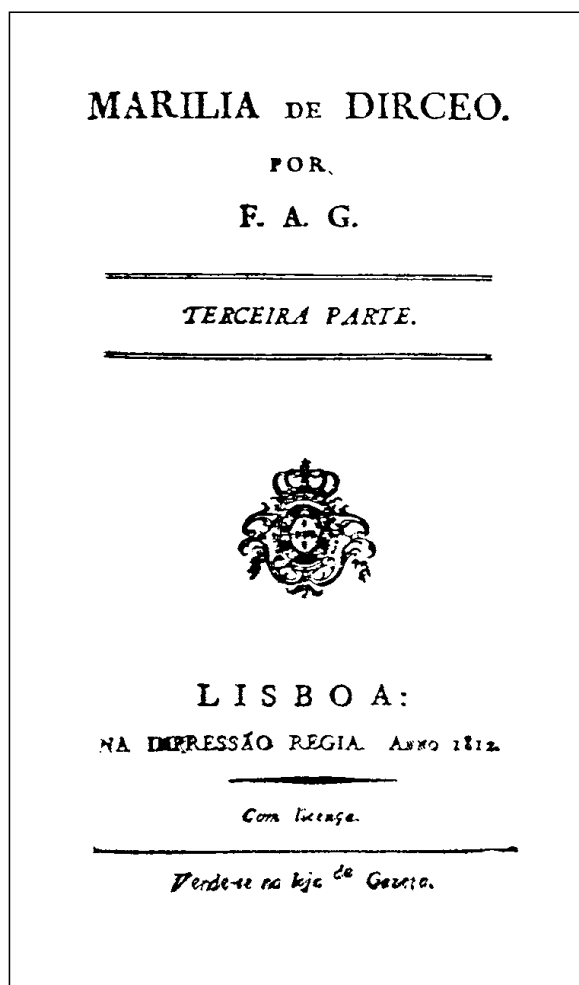
GAUDIE LEY 7.

A primeira parte contém 37 líras e a segunda, 38. O soneto começa pelo verso “Obrei quanto o discurso me guiava”.

A Advertência, nas pp. [3]–[4], diz o seguinte: “Nesta edição que vamos agora expôr ao Público, das Obras do nosso amavel Poeta, talvez único deste gênero de Poesia, temos a satisfação de poder dizer, que se não vão taes quaes elle as compozera, tambem ninguem as terá tão exactas; pois que a troco de laboriosas fadigas, e por dilatados tempos, nos impozemos a tarefa de mendigar as Copias mais authenticas, e fidedignas, algumas até pela letra do mesmo Author; e depois de hum maduro exame as colligimos desta maneira, substituindo-lhes muito mais lyras, multiplicidade de versos, e mesmo infinidade de palavras trocadas, que vinhão nas Edicções antecedentes. Tambem devemos prevenir o mesmo Público de que supposto fosse impresso em Lisboa hum folheto, figurando Terceira Parte das Obras do mesmo Author he inteiramente apocrifo, e até feito por pessoa do nosso conhecimento; e como só queremos dar á luz tudo aquillo de que temos huma cabal certeza ter sido composto pelo nosso amabilissimo Poeta; razão porque foi por nós altamente desprezado, não querendo que o Público o avalie por mais do que vale”.

Transcrevemos aqui a advertência na íntegra por duas razões: primeiro, porque tudo quanto o editor afirma está comprovado. Esta edição é de fato a primeira que apareceu com um texto crítico impresso. Nela acha-se reproduzido, pela primeira vez, o soneto “Obrei quanto o discurso me guiava”. É edição “basilar”, como a denominou o dr. Rodrigues Lapa. Serviu de modelo para as edições seguintes.

Segundo, porque na advertência revela-se que a edição da Terceira Parte de Bulhões é falsa e foi impressa em Lisboa como folheto. O fato do editor empregar a palavra “folheto” indica que essa parte veio à luz separadamente, sem as duas primeiras. Se Bulhões tivesse publicado as três partes, não teria impresso um folheto, mas um livro. Um editor não se engana no significado dessas palavras. Portanto, não existem as edições das duas primeiras partes feitas por Bulhões, como observou Gaudie Ley que, por sinal, não se serviu deste argumento.



Gonzaga, Tomás Antônio. *Marília de Dirceo. Por F. A. G. [sic]. Terceira Parte. Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1812. Com licença. Vende-se na loja de Gazeta.*

14 × 10; 71 pp.

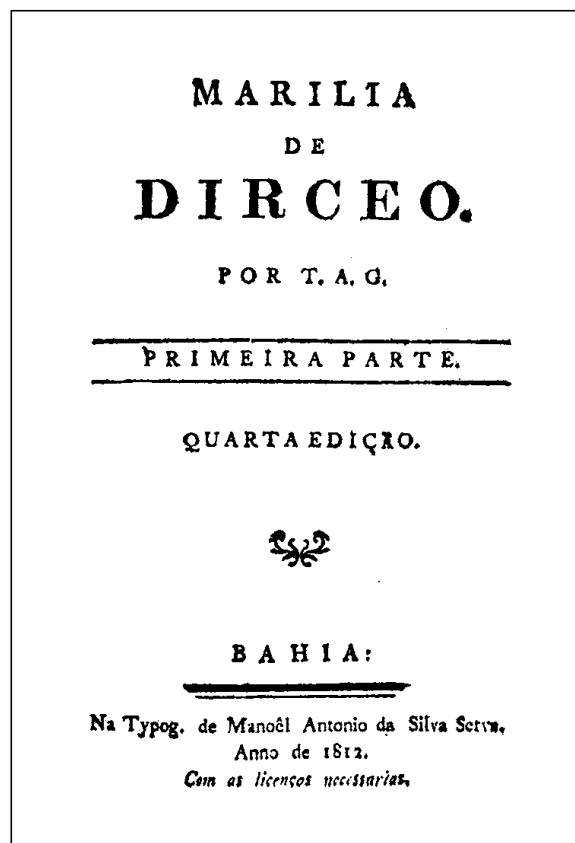
GAUDIE LEY 8.

Note-se o erro de impressão nas iniciais do autor: F. A. G. em vez de T. A. G. Na p. [3] vem um prefácio “Ao Leitor” que transcrevemos na íntegra: “A Geral acceitação, que a primeira, e segunda parte da Marília de Dirceo tem devido ao Publico, animou ao seu Editor a dar á luz huma terceira parte da dita obra, a que fez juntar outras diversas Rimas do mesmo Autor, que lhe fazem honra, e que abonão assás a distincta opinião que tem adquirido naquele genero de Poesia. Adverte o Editor, que huma terceira parte da dita Marília de Dirceo ha tempos publicada he Obra de outro engenho, o que facilmente conhecerá ainda o Leitor menos intelligente”.

Esta primeira edição da “verdadeira” Terceira Parte de *Marília de Dirceo* contém oito liras, 16 sonetos e duas odes. As liras 1, 3, 7 e 8 já tinham sido publicadas na Primeira Parte da edição Lacerdina, em 1811. O soneto “Obrei quanto o discurso me guiava” também já tinha sido impresso nessa edição. As demais poesias aparecem aqui pela primeira vez.

Esta edição de *Marília de Dirceo* é realmente uma coleção de “vários poemas” de Gonzaga. É bastante provável que o editor, querendo aproveitar a popularidade da obra, tenha dado a este volume o subtítulo de “Terceira Parte” quando, na verdade, não é uma terceira parte das liras do ciclo da *Marília*, mas, como dissemos, uma coleção de liras, sonetos e odes de autoria de Gonzaga. É uma contribuição extremamente importante para o estudo da obra do poeta. É muito rara e só foi reimpressa em 1937 na *Marília de Dirceu e mais poesias*, organizada por Rodrigues Lapa (editora Sá da Costa).

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marília de Dirceo. Por T. A. G. Primeira Parte. Quarta Edição. Bahia: Na Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva. Anno de 1812. Com as licenças necessarias.*



15 × 10; 89 pp., 1 fl. s. num. com: “Livros Poeticos que se vendem na Loja da Gazeta”.

Marilia de Dirceo. Por T. A. G. Segunda Parte. Terceira Edição. Bahia: Na Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva. Anno de 1813. Com as licenças necessárias.

15 × 10; 85 pp.

Marilia de Dirceo. Por T. A. G. Terceira Parte. Segunda Edição. Bahia: Na Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva. Anno de 1813. Com as licenças necessárias.

15 × 10; 55 pp.

GAUDIE LEY 9.

Nesta edição, as duas primeiras partes seguem a Nunesiana de 1802, e a terceira, a de Bulhões de 1800, reproduzida na íntegra, inclusive o “Prologo” e os dois sonetos. O papel da primeira parte é diferente, embora tão fino e tão ruim quanto o que foi usado para as outras partes. É muito rara e difícil de encontrar em bom estado.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marilia de Dirceo. Por T. A. G. Parte I. Nova Edição. Lisboa: Na Impressão Regia. 1817. Com licença da Meza do Desembargo do Paço.*

13 × 7; 226 pp.

GAUDIE LEY 10.

Abre com uma “Advertencia”, nas pp. [3] e [4], e a Primeira Parte com 37 liras vai até a p. 122. A p. [123] é de anterrosto com: “Marilia de Dirceo – Parte II” e o verso em branco. As 38 liras e o soneto vão até a p. 222. Segue-se o “Index das lyras” até o fim. Esta edição é uma reimpressão da de 1811.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marilia de Dirceo. Por T. A. G. Parte I. Nova Edição. Lisboa: Na Typografia Lacerdina. 1819. Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.*

13 × 7; 226 pp. “Index das lyras. Parte I e Parte II”: p. 223 até p. 226.

GAUDIE LEY 11.

Esta edição reproduz integralmente a de 1811. Não inclui a “Terceira Parte”, mas encontram-se

exemplares encadernados com a Terceira Parte da edição Rollandiana de 1820. Também existem exemplares que trazem a Terceira Parte impressa depois sem a página de rosto, mas com uma página de anterrosto “Marilia de Dirceo. Parte III”. A paginação desta terceira parte continua da p. [227] até o final, p. 278. Segue-se uma página sem numeração com o “Index das Lyras. Parte III”. Esta “Parte III”, sem página de rosto nem data, é impressa com tipos diferentes e reproduz o texto da edição apócrifa de Bulhões (sem o “Prólogo”). O fato de ser a numeração dos cadernos e das páginas uma continuação da da edição de 1819 demonstra que foi impressa para lhe ser anexada.

Talvez um livreiro que possuísse muitos exemplares da edição de 1819 com apenas duas partes tenha mandado imprimir esta terceira parte para que fosse encadernada com as outras duas, a fim de promover a venda.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marilia de Dirceo. Por T. A. G. Parte III. Nova Edição. Lisboa, Na Typografia Rollandiana. 1820. Com licença da Meza do Desembargo do Paço.*

13 × 7; 76 pp.

GAUDIE LEY 12.

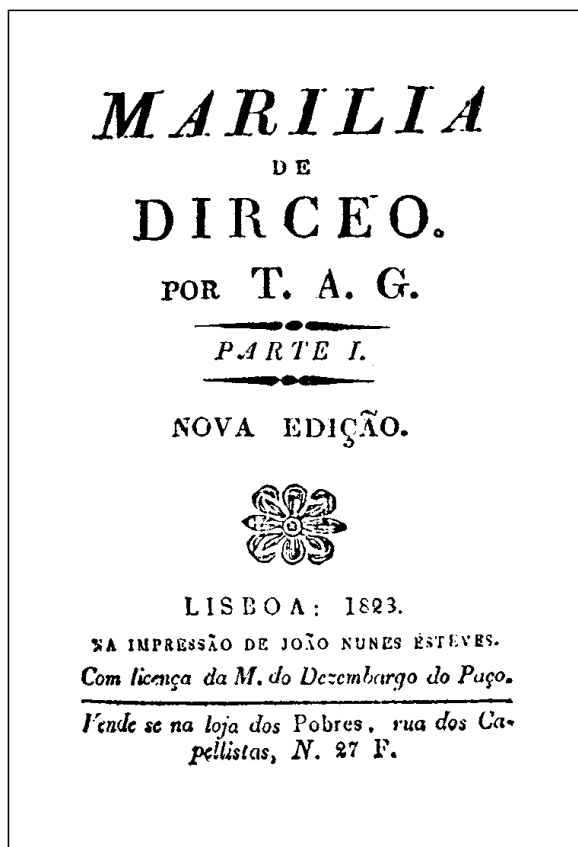
É uma reimpressão na íntegra da edição de Bulhões de 1800.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marilia de Dirceo. por T. A. G. Parte I. Nova Edição. Lisboa: 1823. Na Impressão de João Nunes Esteves. Com licença da M. do Desembargo do Paço. Vende se na loja dos Pobres, rua dos Capellistas, N. 27 F.*

10 × 7; 269 pp., 1 fl. s. num. com índ.

Gaudie Ley não menciona esta edição de 1823, de João Nunes Esteves, com o endereço “loja dos Pobres, rua dos Capellistas”. Não confundi-la com outras que Nunes Esteves imprimiu em 1825 e 1828.

Escrevendo sobre as edições desse período, diz Domingos Carvalho da Silva: “Os anos de 1821, 1822 e 1823 estão em branco em Forjaz, Inocêncio e Gaudie Ley e, também, nas fichas da Biblioteca Nacional do Rio e da Biblioteca do Porto. Entretanto, Teófilo menciona uma Nunesiana de 1822 e outra de 1823. Tavares cita edições de 1822 e 1823, como o fazem Paranhos e Guimarães. É possível que essas edi-



ções tenham existido, ou talvez uma delas. Todavia, Teófilo Braga, que é a fonte da informação, não as viu. No que se refere à edição de 1822, louva-se em informação de Joaquim Norberto, que nos parece vaga. Por isso, até prova em contrário, não podemos considerar reais as edições em causa”.

A prova incontestável que forneço aqui é a descrição de meu exemplar.

Esta edição de 1823 contém as três partes (a terceira é apócrifa). A Primeira Parte vai até a p. 117 (o verso em branco). A Segunda começa na p. [119] e termina na p. 214. A Terceira está impressa entre as pp. [215] e 269.

Meu exemplar contém somente uma folha sem numeração no final, com parte do índice da Primeira Parte. É a última folha do caderno R. Teria o impressor começado novo caderno (S) para terminar o índice, ou, para poupar papel, teria deixado sair esta edição barata, vendida “na loja dos Pobres”, com o índice incompleto? Não conheço outro exemplar para comparar, mas parece-me mais provável que tivesse sido impresso o resto do índice em meio caderno (ou 4 fls.). Digo meio caderno porque seria suficiente para terminar o índice. Nesse caso,

teríamos exemplares desta edição de 1823 com três ou quatro folhas impressas com o índice, e uma ou duas em branco, no fim. Ver, do mesmo impressor, uma edição de 1828.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marilia de Dirceo. Por T. A. G. Primeira Parte. Lisboa: Na Typ. de J. F. M. de Campos. 1824.*

15 × 10; 112 pp.

Marilia de Dirceo. Por T. A. G. Segunda Parte. Lisboa: 1824. Na Typ. de J. F. M. de Campos.

15 × 10; 108 pp.

GAUDIE LEY 13.

Reimpressão das edições de 1792 e 1799. Não existe terceira parte nesta edição.

Gonzaga, Tomás Antonio. *Marilia de Dirceo. Por T. A. G. Parte I. Nova Edição. Lisboa: 1825. Na Impressão de João Nunes Esteves. Com Licença da Meza do Desembargo do Paço. Vende-se na Loja de João Nunes Esteves, Rua do Ouro n° 234.*

15 × 10; 214 pp., 1 fl.s. num. com “Livros que se vendem na Loja de João Nunes Esteves”.

Gaudie Ley não o menciona.

A segunda parte começa na p. 95 e a terceira na p. 171. Existem exemplares que no final trazem uma folha sem numeração com uma lista de livros datados de 1826.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marilia de Dirceo. Por T. A. G. Parte I. Nova Edição. Lisboa, Na Typographia Rollandiana. 1827. Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.*

10 × 7; 251 pp. A “Segunda Parte” e a “Terceira Parte” estão separadas por uma p. de anterrosto. “Index das Lyras” da p. [247] até o final. Verso da última p. em branco.

GAUDIE LEY 14.

Contém a Primeira Parte e a Segunda Parte da edição de 1811. A Terceira Parte é a apócrifa de Bulhões sem o Prólogo.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marilia de Dirceo. Por T. A. G. Parte I. Nova Edição. Lisboa: 1828. Na*

Impressão de João Nunes Esteves. Com licença da M. do Desembargo do Paço. Vende-se na loja dos Pobres, rua dos Capellistas, N. 27 F.

10 × 8; 269 pp., 1 fl. s. num. com índ.

Gaudie Ley menciona sem tê-lo visto.

A primeira parte ocupa as pp. [3]–117, e a p. [118] está em branco. A segunda parte vai da p. [119] à p. 214 e a terceira começa na p. [215] e vai até o fim.

A folha sem numeração no final contém o índice. O exemplar da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro que consultei tem uma única folha de índice, mas, obviamente, está incompleto e deveria ter três ou quatro folhas finais.

Vide a edição do mesmo impressor, de 1823.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marília de Dirceo. Por T. A. G. Parte I. Nova Edição. Bahia. Typ. do Diário, rua do Tijolo, Casa n. 34. - 1835.*

13 × 10; p. de rosto, 2 fls. s. num. com uma “Breve Notícia sobre o autor”, 197 pp., 1 fl. s. num. com errata. No fim: “Bahya. Typ. do Diário. Imp. F. T. A. 1837”.

GAUDIE LEY 15.

Mais tarde, a capa foi mudada e a obra foi posta à venda com os dizeres: “Em casa de Carlos Poggetti. 1850”.

Esta edição é uma reimpressão da de 1811 (as duas primeiras partes) e da de Bulhões (terceira parte, mas sem o “Prólogo”).

Na “Breve Notícia sobre o autor” diz-se que ele nasceu “nesta Província”!

Gonzaga, Tomás Antonio. *Marília de Dirceo. Por T. A. G. Parte I. Nova Edição. Lisboa. Na Typografia Rollandiana. 1840.*

10 × 8; 251 pp. As partes são separadas por p. de anterrosto. Da p. [247] até o fim vem o “Index das Lyras”.

GAUDIE LEY 16.

Esta edição reproduz o texto da de 1811 e da de Bulhões sem o “Prólogo”.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marília de Dirceo. Por T. A. G. Parte I. Pernambuco. Typ. de Santos e Companhia. 1842.*

10 × 7; 253 pp. As partes são separadas por p. de anterrosto. O “Index das Lyras” vai da p. [249] até o final.

GAUDIE LEY 28 cita sem ter visto um exemplar.

O texto é o da edição de 1811 e da de Bulhões. Obra raríssima.

O sr. Fernando Guedes Galvão, bibliófilo paulista e colecionador de Marília, assinalou-me a existência de uma edição impressa em Recife, na Typ. de M. F. de Faria, em 1836, anunciada no *Catalogue de la Bibliothègue Eduardo Prado* (S. Paulo, 1916). Gaudie Ley menciona essa edição. Quanto a mim, desconheço a existência de qualquer exemplar. A tipografia de M. F. de Faria imprimiu nessa época diversas obras literárias.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marília de Dirceo. Por T. A. G. Parte I. Nova Edição. Rio de Janeiro. Na Typographia de J. J. Barroso e C.^a. Rua d'Alfandega 1842.*

14 × 10; 251 pp.

GAUDIE LEY 17.

As pp. [105] e [193] são páginas de anterrosto da segunda e da terceira partes. No fim vem um “Index das liras”. O texto é o da edição de 1811 e da de Bulhões.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marília de Dirceo por Thomaz Antonio Gonzaga. Nova Edição mais correcta e augmentada de uma introdução historica e biographica pelo Dr. J. M. P. da Silva. Rio de Janeiro. Eduardo e Henrique Laemmert. Rua da Quitanda n. 77. 1845.*

17 × 10; xl, 242 pp. À p.[11] vem: “Bibliotheca de Poetas Classicos da Lingua Portugueza T.v. Rio de Janeiro Eduardo e Henrique Laemmert ... 1845”.

GAUDIE LEY 18.

O texto continua sendo o da edição de 1811 e da de Bulhões. O estudo de Pereira da Silva tem o mérito de ter revelado que Gonzaga nasceu no Porto, conforme a certidão que tirou da matrícula do poeta na Universidade de Coimbra, em 1763.

Gonzaga, Tomás Antonio. *Marília de Dirceo. Liras de T. A. Gonzaga. Parte I. Nova Edição. Rio*

de Janeiro, *Typographia de Soares & Irmão. Rua da Alfândega n. 6.* [s.d., mas 1855.]

14 × 10; 221 pp.

GAUDIE LEY 19.

O título acima aparece na capa, sem uma data. A página de rosto traz: “Typographia Commercial de Soares & Co. Rio de Janeiro Livraria B. L. Garnier Rua da Alfândega N. 6. 1855”. Existem exemplares que trazem nas capas a data de 1855.

Gonzaga, Tomás Antonio. *Marília de Dirceu lyras de Thomaz Antonio Gonzaga precedidas de uma noticia biographica e do juizo critico dos auctores estrangeiros e nacionaes e das lyras escriptas em resposta as suas e acompanhadas de documentos historicos por J. Norberto de Souza S. ornada de uma estampa. Tomo Primeiro. Rio de Janeiro Livraria de B. L. Garnier Irmãos, Editores, Rua des Saints–Rua do Ouvidor, 69. Pariz, Garnier Frères, 6 – 1862. Todos os direitos de propriedade reservados.*

2 vols. 18 × 11; Tomo Primeiro: 347 pp., como frontis. uma litografia representando Gonzaga e o fac-símile de sua assinatura (“Imp. Caillet, calle Jacob, 45, Paris”). Tomo Segundo: 348 pp. No verso da p. de anterrosto do 1º vol. vem: “Pariz – Typ. de S. Raçon e Comp., Rua D’Erfurth, 1”.

GAUDIE LEY 20.

A gravura que retrata Gonzaga na prisão foi litografada a partir de um quadro de João Maximiano Mafra, exposto no salão de 1844 no Rio de Janeiro.

Nas *Reflexões sobre as diversas edições*, Joaquim Norberto faz tremenda confusão sobre as edições de *Marília*. Começa dizendo que “a primeira edição, reputada como original, é a de Bulhões, e foi publicada aos quadernos contendo unicamente as duas primeiras partes, tendo apenas as iniciaes do nome do auctor, e assim com as duas partes se fizeram ainda quatro edições; a da imprensa regia de 1812 e a de Serra [sic] na Bahia de 1813 bem como as duas lacerdinas de 1811 e 1819, dirigidas por criticos de grande circunspecção. Apareceu depois em 1800 a terceira parte e se reimprimiu nas edições nunesianas de 1802, 1823, 1824 e 1825...”.

Tanta confusão e tantos erros em tão poucas linhas demonstram o desconhecimento que se tinha,

na época, da Mariliana. Entretanto, as *Reflexões* têm o mérito de, pela primeira vez, analisar e provar com argumentos crítico-literários a falsidade da “Terceira Parte”. Verdade mui sabida aliás, porém ainda não demonstrada.

O curioso é que, depois de tão brilhante demonstração, Joaquim Norberto ainda a publicasse. Não a substituiu pela verdadeira, impressa em 1812. Como vimos, ele sabia da existência dessa edição da Imprensa Régia de Lisboa, cita-a, mas certamente não a tinha lido. Se o tivesse feito, teria publicado todo o texto desse volume e a verdadeira edição de “obras várias” de Gonzaga. A “Terceira Parte” que reimprime é a de 1800, contendo quinze liras e dois sonetos.

Como última prova da falta de critério, Joaquim Norberto publicou, no primeiro volume, 26 liras de sua autoria, que intitulou *Dirceo de Marília, lyras atribuidas a D. Maria Joaquina de Seixas*.

Quanto ao texto que publicou de *Marília*, não merece fé: não respeitou as edições que usou, alterou a sequência das liras, acrescentou e omitiu estrofes inteiras.

Entretanto, a “Noticia sobre Thomas Antonio Gonzaga” tem seus méritos. Era a melhor biografia do poeta que se escrevera até então e, *grosso modo*, válida até que o prof. Rodrigues Lapa revelou os documentos inéditos que descobrira e reviu todas as noções que tínhamos da vida de Gonzaga.

Esta edição de Joaquim Norberto teve grande aceitação e foi republicada pelo mesmo B. L. Garnier na sua “Coleção brasileira Bibliotheca dos melhores auctores nacionaes antigos e modernos”. A impressão desta segunda edição preparada por Joaquim Norberto foi feita em “Le Havre – Imprimerie du Commerce, 3 rue de la Bourse”.

Essas edições da Garnier preparadas por Joaquim Norberto serviram de base para todos os críticos e historiadores literários até 1937, quando Rodrigues Lapa estabeleceu o texto definitivo de *Marília de Dirceo e mais poesias* de Gonzaga, na sua edição publicada nos clássicos Sá da Costa.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Bibliotheca Universal antiga e moderna – Marília de Dirceu por Thomaz Antonio Gonzaga Com uma noticia biographica do auctor 2.ª serie – numero 6. Lisboa Casa Editora David Corrazzi 40, Rua da Atalaya, 52*

Filiaes Porto: 127, Praça D. Pedro, 1º andar. Brazil: 38 Rua da Quitanda, Rio de Janeiro 1888.

17 × 11; 124 pp., 2 fls. com índ.

Esta edição foi reimpressa em 1916 na mesma coleção: “Lisboa A Editora Largo do Conde Barão...”

Gonzaga, Tomás Antônio. ... *Marília de Dirceo. Nova edição revista e prefaciada por José Veríssimo. H. Garnier, Livreiro-Editor. ... Rio de Janeiro. ... Paris 1910.*

18 × 11; 340 pp.

José Veríssimo, na “Advertencia do editor literario” começa advertindo que esta edição “não é ainda a edição crítica e definitiva certamente devida ao formoso e famoso poema [...] não era aliás, isto que queria o editor, nem disto me incumbiu, mas somente de superintender à republicação da *Marília*, conforme a edição comum, apenas confrontando com as primeiras”.

José Veríssimo serviu-se “da edição do mesmo editor, Garnier, feita pelo benemérito Joaquim Norberto de Souza e Silva” ... e das “edições princeps”.

O que José Veríssimo chama de “edições princeps” são a primeira edição da “Primeira Parte” e “a sem data, da officina de Bulhões”. Ora, não se conhece nenhuma edição sem data de Bulhões. A que existe é somente a “Terceira Parte”, datada de 1800.

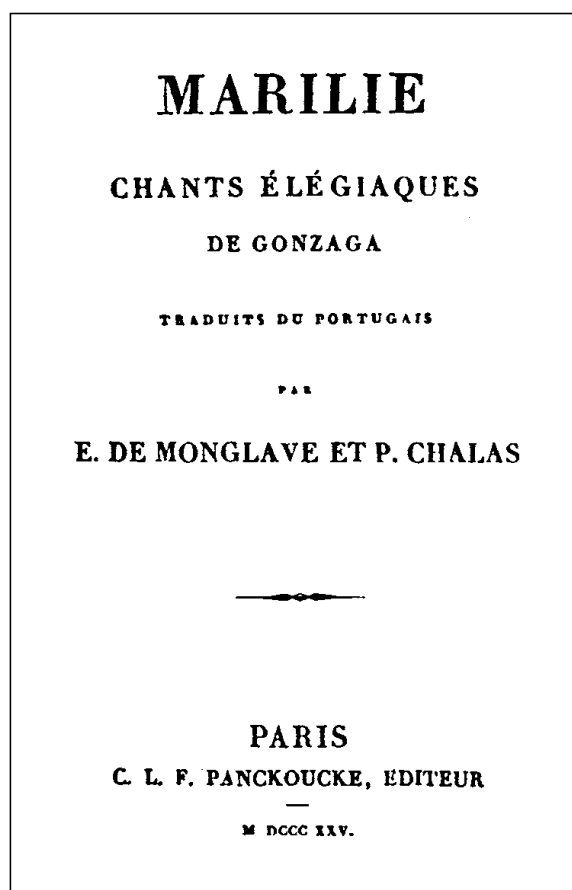
José Veríssimo concorda que a “Terceira Parte” que corre impressa é apócrifa e aduz argumentos à demonstração de Joaquim Norberto, embora afirmando: “por mais justificada que esta seja, ainda não autoriza, parece-me, a supressão dessa terceira parte numa edição vulgar”.

Como se vê, José Veríssimo ainda não conhecia as primeiras edições e ignorava a existência de uma “Terceira Parte” verdadeira, publicada pela Imprensa Régia de Lisboa em 1812. Essa parte só seria publicada de novo por Rodrigues Lapa, em 1957.

Do ponto de vista do texto da *Marília*, esta edição de José Veríssimo é bem melhor do que a de Joaquim Norberto.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marilie chantes élégiaques de Gonzaga traduits du portugais par E. De Monglave et P. Chalas. Paris C. L. F. Panckoucke, Editeur ... MDCCCXXV [1825].*

12 × 8; xxvi, 192 pp. Com p. de anterrosto.



GAUDIE LEY p. 36.

As páginas preliminares contêm uma “Notice”.

Trata-se de uma tradução em prosa e compreende as duas primeiras partes com 37 e 38 liras. O tradutor dividiu a obra em dois “livros”. No prefácio, diz ele que a terceira parte publicada em Lisboa é apócrifa.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Marilia di Dirceo Lire di Tommaso Antonio Gonzaga brasiliano tradotte dal portoguese da Giovenale Vegezzi-Ruscalla. Torino Stamperia Sociale degle Artisti, 1844.*

14 × 9; xviii, 240 pp.

GAUDIE LEY 37.

As páginas preliminares trazem um prefácio e um esboço biográfico e crítica. A tradução, em versos, é da primeira e segunda partes.

[**Gonzaga, Tomás Antônio.**] *Castro Lopes. Musa Latina. Amaryllidos Dircaeï aliquot selec-*

ta lyrica Latinum Sermonem Translata ad usum scholarum Brasiliensium accomodata. Editio correctissima mendisque purgatissima, notis opportune adhibititis [dístico]. *Potamopoli Ex typis Quirini & Fratis – Via Quitanda 27. MDCCLXVIII* [1868].

18 × 21; iv, 68 pp.

GAUDIE LEY p. 37, No. 3.

As páginas preliminares contêm a dedicatória e comentários sobre a versão latina. Seguem-se as traduções para o latim de diversas liras de Gonzaga e várias poesias em latim do tradutor.

Gonzaga, Tomás Antônio. *Dr. Castro Lopes Musa Latina – Amaryllidos Dircae aliquot selecta lyrica In latinum sermonem translata editio secunda correctissima, aucta, mendisque purgatissima, notis opportune adhibititis. Potamopoli Excuderunt G. Leuzingerius & Filii Typographi, MDCCLXXXVII* [1887].

19 × 12; 2 pp. de rosto, uma em latim precedida da tradução portuguesa, 2 fls. s. num. com as deds., xxx, 139 pp.

Em seguida à tradução para o latim de várias liras de *Marília de Dirceu* vem em apêndice alguns poemas latinos do tradutor, inclusive uma “Descrição de uma estrada de ferro com versos de Virgílio, Ovídio, Lucrecio, Horatio e outros poetas latinos”.

A bibliografia da *Marília de Dirceu* apresenta dificuldades não apenas devido ao grande número de edições (diz Varnhagen que, salvo os *Lusíadas*, nenhuma obra poética em língua portuguesa teve maior número de edições) mas, principalmente, pela confusão que fizeram os autores mais acreditados citando “edições fantasmas” que afirmavam existir, mas que ninguém mais vira. Bibliógrafos como Inocêncio, Brito Aranha, Blake e Vale Cabral, historiadores como Varnhagen e Pereira da Silva, críticos literários como Teófilo Braga, Joaquim Norberto, José Veríssimo e Artur Mota, bibliófilos como Alberto de Oliveira escreveram sobre o assunto, mas não conseguiram esclarecer as principais questões do problema e determinar quais as edições princeps e fundamentais para o estudo da obra de Gonzaga. Os erros acumularam-se e certos bibliógrafos con-

temporâneos, na ânsia de parecer mais completos, relacionaram edições sem as examinar e citaram edições inexistentes.

Na década de 1930, a bibliografia mariliana sofreu uma revisão. Oswaldo Melo Braga de Oliveira, Simões dos Reis e outros publicaram novas e valiosas contribuições. Mas é ao bibliotecário da Biblioteca Nacional, Emanuel Eduardo Gaudie Ley, que se deve o mérito de haver eliminado as “edições fantasmas”, restabelecido os fatos e produzido a primeira bibliografia segura de *Marília de Dirceu*. Não chegou a fazer uma relação absolutamente completa, pois baseou seu estudo apenas na coleção da Biblioteca Nacional, que não era completa; tanto é que, posteriormente, adquiri para essa instituição diversas edições que lhe faltavam. Mas o valor da “Gonzaguiana da Biblioteca Nacional” (*Anais da Bibl. Nac.*, Rio de Janeiro, 1936), de Gaudie Ley, não está somente no fato de ter colocado em bases sólidas a bibliografia de *Marília de Dirceu*. Notando o conteúdo das diversas edições, abriu caminho para a seleção dos textos fundamentais. Esse texto será então estabelecido por Rodrigues Lapa, na sua edição crítica e definitiva das *Obras Completas de Tomás Antônio Gonzaga* (Rio, Instituto Nacional do Livro, 1957).

A presente bibliografia de *Marília* teve por base os trabalhos de Gaudie Ley, de Domingos Carvalho da Silva e a edição crítica do prof. Rodrigues Lapa.

Não quero encerrá-la sem apontar, para os críticos e os colecionadores, as edições basilares e as edições raras e procuradas.

Do ponto de vista do texto, as edições fundamentais são:

1. 1792 (primeira edição da primeira parte).
2. 1799 (primeira edição da segunda parte).
3. 1802 (com cinco liras inéditas).
4. 1811 (com 37 e 38 liras nas duas partes respectivamente e o soneto “Obrei quanto o discurso me guiava”, impresso pela primeira vez).
5. 1812 (da imprensa Régia de Lisboa contendo obras várias de Gonzaga).

Do ponto de vista dos colecionadores, as edições mais raras e procuradas são:

1. 1792 (as duas tiragens impressas nesse ano).
2. 1799 (com a primeira edição da segunda parte).
3. 1800 (impressa por Bulhões, contendo a terceira parte apócrifa).
4. 1810 (da Imprensa Régia do Rio de Janeiro, em três volumes).

5. 1812 (impressa na Bahia por Silva Serva, em três volumes).
6. 1812 (da Imprensa Régia de Lisboa).
7. 1823 (impressa por Nunes Estêves).
8. 1842 (impressa em Pernambuco).
9. 1825 (tradução francesa).

Nesta bibliografia de *Marília*, elaborada com os exemplares à mão, não julgamos necessário mencionar as edições posteriores a 1900, salvo a que foi preparada em 1910 por José Veríssimo, já que aquelas não são, por enquanto, consideradas raras ou “procuradas”. Não tenho, portanto, a pretensão de ter relacionado todas as edições. É possível que ainda se descubram algumas.

Gonzaga, Tomé Joaquim. *O Pastor Fiel Tragi-Comedia pastoril do Cavalheiro Guarini traduzida do italiano por Thomé Joaquim Gonzaga. Lisboa Na Regia Officina Typografica Anno M.DCC.LXXXIX [1789] Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

18 × 12; viii, 293 pp.

INNOCENCIO 7/361.

O tradutor nasceu em 1738, no Rio de Janeiro. Era primo de Tomás Antônio Gonzaga, o autor de *Marília de Dirceu*. Estudou Leis em Coimbra e, em 1770, tornou-se magistrado na Bahia, e foi transferido, em 1783, para Lisboa, onde viveu até sua morte em 1819. Gonzaga traduziu várias óperas italianas para o Teatro São Carlos de Lisboa.

A publicação do *Pastor Fido* recebeu autorização da censura em 26 de maio de 1788 e, em 3 de dezembro de 1789, José Seabra da Silva escreveu aos censores: “A Sua Magestade pareceo muito extraordinario, que o Pastor Fido de Guarini, prohibido no seu original, e na sua Patria, obtivesse Licença da ‘Meza’, para se estampar traduzido, e mal traduzido em Portuguez”. Os censores responderam: “Esta obra que no seu original se pode avaliar por huma das mais agradaveis, brilhantes, e poeticas na ordem pastoril, não deixa com tudo de ter seu encanto, por isso mesmo que a beleza das expressões amorosas, se fazem as mais sensiveis, e tocantes nos corações feridos de semelhantes paixões. ... Ordena a mesma Senhora, que a Meza o faça recolher. E por quanto não pareça justiça que o Traductor, pois obteve Licença, fique gravado com a Despeza da Impressão,

que agora se deve recolher: Ordena, que V. Ex.^a havendo Requerimento, ou Queixa do dito Traductor o participe por esta Secretaria de Estado particularmente com informação da importancia da dita despeza, para se dar providencia”.

Assim, esta edição foi confiscada pelo Alvará datado de 14 de dezembro de 1789. Mas, em 1838, parentes do autor conseguiram recuperar os exemplares e puseram-nos à venda na livraria de Rolland.

Hoje é obra rara.

Gonzaga, Tomé Joaquim. *La Lodoiska: Drama Per Musica da Rapresentarsi Nel Regio Teatro di S. Carlo, Della Principessa in occasione di celebrare il felicissimo giorno natalizio di Sua Maesta fedelissima D. Maria I. Regina di Portugallo, Algarve &c. &c. &c. li 17 Dicembre 1795. Lisbona. M.DCC.LXXXVI [1796]. Nella stamperia di Simone Taddeo Ferreira.*

14 × 10; 189 pp. As pp. 2, 4, 6, 8 e [190] foram deixadas em branco. O texto italiano aparece nas páginas da esquerda e a tradução em português nas da direita.

[**Gonzaga, Tomé Joaquim.**] *Il Furbo contra Furbo: Commedia per musica da rappresentarsi nel Regio Teatro di S. Carlo della Principessa nell'autunno dell'anno 1800. Lisbona. M.D.CCC [1800]. Nella Stamperia di Simone Taddeo Ferreira.*

14 × 9; 149 pp.

A música é de Marcos Portugal. O texto em italiano e a tradução portuguesa aparecem em páginas opostas.

[**Gonzaga, Tomé Joaquim.**] *La morte di Cleopatra Tragedia per musica da rappresentarsi nel Regio Teatro de S. Carlo Della Principessa nell'estate Dell'Anno 1800. Lisbona. M.DCCC [1800]. Nella Stamperia di Simone Taddeo Ferreira.*

15 × 10; 95 pp.

O texto italiano e a tradução portuguesa vêm em páginas opostas.

[**Gonzaga, Tomé Joaquim.**] *La Zaira: Tragedia per musica da rappresentarsi nel Regio Teatro di*